

**DINÂMICAS PRODUTIVAS E USO DO TERRITÓRIO: A
EMPRESA CALÇADISTA PAQUETÁ NO MUNICÍPIO DE
ITAPAJÉ/CEARÁ**

**PRODUCTIVE DYNAMICS AND USE OF THE TERRITORY:
THE FOOTWEAR COMPANY PAQUETÁ IN THE
MUNICIPALITY OF ITAPAJÉ / CEARÁ**

**DINÁMICA PRODUCTIVA Y USO DEL TERRITORIO: LA
EMPRESA CALZADO PAQUETÁ EN EL MUNICIPIO DE
ITAPAJÉ / CEARÁ**

Maria da Penha Vaz dos Santos¹
mariadapenhavazdossantos19@gmail.com

Glauciana Alves Teles²
glauciana.teles@uvanet.br

Edilson Alves Pereira Júnior³
edilsonapjr2009@gmail.com

RESUMO

As mudanças desencadeadas pela crise do fordismo nos anos de 1970 demarcaram um processo de reestruturação produtiva que atingiu todos os setores da economia. No Brasil, as mudanças ocorreram na década de 1990, quando empresas de vários segmentos, inclusive do setor calçadista, deslocaram suas plantas industriais, até então concentradas em regiões de produções tradicionais (Sul e Sudeste), para outras regiões brasileiras. Este artigo tem por objetivo analisar o processo de reestruturação territorial e produtiva do setor calçadista e as dinâmicas envolvendo a relação produção/território/capital a partir da empresa calçadista Paquetá, no município de Itapajé/Ceará. A metodologia se estruturou nas seguintes etapas: pesquisa bibliográfica, documental e trabalho de campo. Como resultado, destacamos que a Paquetá calçados faz uso do território de Itapajé em suas dinâmicas produtivas e se beneficia principalmente da exploração da mão de obra, resultando assim em uma alarmante precarização do trabalho.

Palavras-chave: Reestruturação produtiva. Trabalho. Paquetá.

ABSTRACT

The changes triggered by the crisis of Fordism in the 1970s marked a process of productive restructuring that affected all sectors of the economy. In Brazil, the changes occurred in the 1990s, when companies from various segments, including the footwear sector, moved their industrial plants, hitherto concentrated in traditional production regions, to other Brazilian regions. This article aims to analyze the process of territorial and productive restructuring of the footwear sector and the dynamics involving the production / territory / capital relationship from the footwear company Paquetá, in the municipality of Itapajé / Ceará. The methodology was structured in the following stages: bibliographic, documentary research and fieldwork. As a result, we highlight that

¹ Mestranda do curso de Mestrado Acadêmico em Geografia - MAG da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

² Professora do Mestrado Acadêmico em Geografia - MAG da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA.

³ Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia - PROPEGEO da Universidade Estadual do Ceará - UECE.

Paquetá Calçados makes use of the territory of Itapajé in its productive dynamics and benefits mainly from the exploitation of labor, thus resulting in an alarming precariousness of work.

Keywords: Productive restructuring. Work. Paquetá.

RESUMEN

Los cambios provocados por la crisis del fordismo en la década de 1970 marcaron un proceso de reestructuración productiva que afectó a todos los sectores de la economía. En Brasil, los cambios ocurrieron en la década de 1990, cuando compañías de varios segmentos, incluido el sector del calzado, trasladaron sus plantas industriales, hasta ahora concentradas en las regiones de producción tradicionales, a otras regiones brasileñas. Este artículo tiene como objetivo analizar el proceso de reestructuración territorial y productiva del sector del calzado y la dinámica que involucra la relación producción / territorio / capital de la empresa de calzado Paquetá, en el municipio de Itapajé / Ceará. La metodología se estructura en las siguientes etapas: investigación bibliográfica, documental y trabajo de campo. Como resultado, destacamos que Paquetá Calçados utiliza el territorio de Itapajé en su dinámica productiva y se beneficia principalmente de la explotación laboral, lo que resulta en una alarmante precariedad laboral.

Palabras clave: Reestructuración productiva. Trabajo. Paquetá.

INTRODUÇÃO

Os primeiros passos da produção de calçados brasileira datam ainda do século XIX, quando imigrantes alemães, influenciados pelo modelo de produção herdado pelos europeus, dão início à produção artesanal de calçados no Vale do Rio Sinos, no Rio Grande do Sul, produção essa que, anos mais tarde, levaria o Brasil à posição de quarto maior produtor de calçados do mundo.

São muitos os fatores que elevaram o Brasil no ranking da produção de calçados mundial, dentre os quais a reestruturação produtiva e territorial experimentada pelo setor ainda na década de 1990, que fez com que os produtores calçadistas buscassem transformações no processo de produção e novos territórios para instalação de fábricas, principalmente com mão de obra com baixo custo.

Tendo como base de transformação a reestruturação produtiva desenvolvida mundialmente, o setor calçadista brasileiro também se reformulou com o objetivo de seguir a nova dinâmica imposta pela produção mundial, modificando estruturalmente suas bases produtivas e os locais da produção, que se descentralizou dos espaços tradicionais (Sul e Sudeste), expandindo-se principalmente para a região Nordeste do Brasil.

Podemos pontuar que entre os muitos atrativos que ocasionaram a migração para o Nordeste estiveram: (1) incentivos fiscais oferecidos pelos estados; (2) procura por baixos salários; e (3) as possibilidades de produção com significativos lucros, que deixaria o Brasil compatível com os grandes produtores calçadistas mundiais. No período correspondente à redemocratização do Brasil, o Nordeste deu início ao processo de abertura territorial para

indústrias de diversos setores, especialmente o calçadista, coincidindo assim com as ações que visavam integrar os estados nordestinos a essa nova fase.

O estado do Ceará também foi inserido nessa dinâmica e passou a fazer parte do novo ciclo de mudanças engendradas pelo desenvolvimento das indústrias de calçados em seu território. Pereira Júnior (2011) enfatiza em seus estudos que “o espaço cearense reuniu os elementos apropriados à efetivação de uma acumulação ampliada de lucros para as empresas calçadistas, em função de sua disponibilidade política, técnica e social” (PEREIRA JÚNIOR, 2011, p. 380).

A disponibilidade política que atraiu investimentos para o estado se deu principalmente devido aos incentivos e benefícios oferecidos pelos governos estaduais e municipais, que disponibilizaram para o setor de calçadista infraestrutura, redução ou isenção no pagamento de impostos, além de um vasto quantitativo de trabalhadores para a produção de calçados com salários abaixo da média nacional. A indústria de calçados reorganizou o território onde se instalou, passando a exercer hegemonia e ditar as regras que coincidissem com seus objetivos produtivos, tais como: a abertura de rodovias, ampliação de ruas e isenção de pagamento de IPTU.

Este artigo se constitui como resultado das pesquisas realizadas no âmbito da Iniciação Científica no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Ceará, entre 2016 e 2017, junto às pesquisas realizadas sobre os temas amplamente estudados pelos professores coautores deste texto.

A partir dessa perspectiva, a pesquisa buscou compreender o processo de reestruturação territorial e produtiva do setor calçadista e as dinâmicas envolvendo a relação produção/território/capital em Itapajé. Com a necessidade de melhor compreender os processos, foram delimitados objetivos específicos que nos ajudaram a responder a essas inquietações, sendo eles: analisar os fatores que atraíram uma empresa especializada na produção de calçados para o semiárido cearense, especificamente o município de Itapajé, e identificar a terceirização da produção como resultado das mudanças inseridas pela reestruturação territorial e produtiva.

Objetivando responder aos questionamentos, foram realizadas no decorrer do ano de 2018 pesquisas de caráter quantitativo e qualitativa que visaram apreender as dinâmicas que envolvem as relações produtivas terceirizadas da empresa Paquetá em Itapajé-Ceará. Como marco inicial do estudo, foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais que visaram compreender a reestruturação produtiva e espacial da indústria, a dinâmica da

indústria de calçados no Brasil e no Ceará, a terceirização e a força de trabalho. Em um segundo momento, realizamos pesquisas de campo no período correspondente aos meses de junho a dezembro de 2018. Durante esse período foram realizadas entrevistas formais com representantes da Paquetá e visitas informais em ateliês, residências de trabalhadores e fábricas de costuras informais, com um roteiro pré-estabelecido. Foram realizados registros fotográficos e observações na rotina laboral dos trabalhadores. Num terceiro momento, reunimos as informações obtidas em campo e fizemos tabulações e leituras qualitativas, e em seguida, procedemos à redação final.

Para uma melhor compreensão, este artigo está organizado em seções, nas quais inicialmente apresentamos uma abordagem sobre a industrialização do estado do Ceará e os fatores que influenciaram esse processo. Em seguida, realizamos uma análise do panorama do município de Itapajé no período anterior e posterior à instalação da Paquetá. Por fim, procuramos identificar as dinâmicas que envolvem as relações de trabalho no âmbito externo da fábrica e como essa atividade impacta a vida do trabalhador.

POLÍTICA, DESENVOLVIMENTO E INDUSTRIALIZAÇÃO DO CEARÁ

A reestruturação produtiva mundial diretamente refletiu suas mudanças no estado cearense a partir da abertura do território para a implantação de empresas dos mais diversos segmentos, dando início a um novo processo de mudanças que tiveram como pilar as políticas adotadas nos anos de 1990, em sintonia com a reestruturação produtiva adotada pela indústria brasileira.

De acordo com Bernal (2004, p. 33), “a reestruturação industrial no Brasil permitiu a reorganização territorial do capital e a fragmentação das cadeias produtivas”. Nesse período, o semiárido nordestino brasileiro passou a ser atrativo para investimentos do capital e estimulou a implantação de indústrias calçadistas advindas principalmente do Sul e Sudeste do país, especificamente da região do Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul, e de Franca, em São Paulo, regiões essas que até então concentravam a maior parcela da produção de calçados no país e, com a reestruturação espacial, tiveram que em um primeiro movimento se deslocar para as áreas circunvizinhas do Vale dos Sinos e de Franca e, posteriormente, para a região Nordeste (LIMA; BORSOI; ARAÚJO, 2011).

Com o objetivo de se apropriar de vantagens da região, muitas empresas calçadistas adentraram em um momento de intensos fluxos migratórios em busca de estados que

melhor oferecessem vantagens para o seu desenvolvimento. Atendendo ao perfil de território buscado pela indústria calçadista, o estado do Ceará se tornou um espaço de cobiça por possuir atrativos coincidentes com o que o setor buscava.

Com um acentuado atraso socioeconômico e devido a diversos problemas, dentre os quais aqueles relacionados à falta de investimentos em projetos que permitissem o desenvolvimento industrial do estado, o Ceará, durante muitas décadas, permaneceu “atrasado” economicamente frente a outros estados brasileiros. Dentre as muitas características econômicas da época, estava a falta de investimentos em políticas voltadas para tais desenvolvimentos e um atrativo para o capital externo. Diante das justificativas para o atraso da industrialização no estado, é observado que:

Até então, o povoamento lento; as calamidades climáticas; a predisposição à manufatura; a incipiente organização político-administrativa; a descapitalização e o modesto mercado consumidor eram os principais obstáculos para o desenvolvimento das atividades industriais no Ceará (ALMEIDA, 2012, p. 9).

Com as mesmas dificuldades econômicas de outros estados nordestinos, o Ceará também passou a ser incluído nos projetos da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), que dentre seus propósitos, buscava integrar economicamente a região a outros estados brasileiros e, ao mesmo tempo, dar possibilidade do capital utilizar os espaços “reservas” para assim concretizar a expansão capitalista que partia das áreas centrais do país. Como importante articulador, a SUDENE empenhou-se em “aproveitar” o que o Nordeste tinha de melhor, vendo na industrialização um importante elemento para o desenvolvimento da região.

No Ceará, o desenvolvimento econômico já vinha sendo posto em pauta pelo então governador Virgílio Távora em seus dois mandatos políticos. Teles (2015) salienta que em meio às constantes necessidades de se gerar emprego e capital, o governo empenhou-se em implantar políticas desenvolvimentistas e projetos de modernização no estado. A autora pontua que Virgílio Távora, enquanto esteve à frente do estado,

implantou uma série de ações modernizadoras, com a construção de estradas, meios de comunicação e criação do I Distrito Industrial do Ceará – DIC, em 1966, implantado no então Distrito de Maracanaú, pertencente naquele momento ao Município de Maranguape (TELES, 2015, p. 117).

É possível constatar em várias literaturas que durante o governo de Virgílio Távora algumas políticas já possuíam cunho modernizante, porém sem muita expressividade, como

a que ocorreu nos anos seguintes. Ao notar a fragilidade econômica do estado, Virgílio Távora viu-se pressionado a articular maneiras de industrializá-lo e fortalecer a elite que precisava se consolidar naquele momento. A partir do apoio financeiro da SUDENE, o governo cearense recebeu algumas grandes empresas, como a Gerdau, Vicunha, Têxtil Machado e Artex (PARENTE, 2000 *apud* BERNAL, 2004).

Ao observar as dinâmicas da migração de muitas empresas no território cearense, Loyaza (2011) descreve que logo numa primeira ação de políticas de incentivo da indústria no Ceará, no governo de Tasso Jereissati, pelo menos 25 municípios receberam fábricas dos mais diversos segmentos, totalizando 204 investimentos. Numa segunda ação desse crescimento industrial, outras 13 cidades também foram beneficiadas.

Com o fim da “era dos coronéis”⁴, o estado passou a sofrer os impactos causados pelo início dos novos tempos que se consolidaram com a eleição de Tasso Jereissati, no ano de 1986, e as metamorfoses econômicas nos anos seguintes. O governo de Jereissati mudou algumas práticas tradicionais por meio da execução de ações já planejadas, quando ainda estava à frente do Centro Industrial do Ceará (CIC). Essas mudanças passaram a intensificar a chegada de novos investimentos e a modificar o papel do estado frente ao desenvolvimento econômico. Assim, seu governo articulou medidas que inseriram o estado nos objetivos dos investimentos privados de dentro e de fora do Ceará.

Nesse governo, começa uma das marcas das políticas de desenvolvimento adotadas no Estado e para o Nordeste: a política de incentivos fiscais, relacionada com a criação de ideologia que coloca a indústria como elemento capaz de promover transformação da economia, geradora de emprego e renda (ARAÚJO, 2007, p. 101).

Assim como muitos estados nordestinos, o Ceará investiu na disputa por empresas dos mais diversos segmentos, inclusive a calçadista, para se instalarem no estado. A guerra fiscal sem dúvidas foi essencial para que o estado se destacasse nos benefícios oferecidos aos setores produtivos. De acordo com Cardozo (2011), a guerra fiscal foi uma das maneiras encontradas para atrair investimentos para os estados por meio da concorrência que objetivava:

oferecer um maior número de vantagens “comparativas” à iniciativa privada, ao promoverem verdadeiros leilões de incentivos aos

⁴ Conforme Barbalho (2007) e Pereira Júnior (2011) a “era dos coronéis” corresponde ao período político em que o estado do Ceará foi governado respectivamente pelos coronéis do Exército, Virgílio Távora (1962-1966/ 1979-1982), César Cals (1971-1974) e Adauto Bezerra (1975-1978).

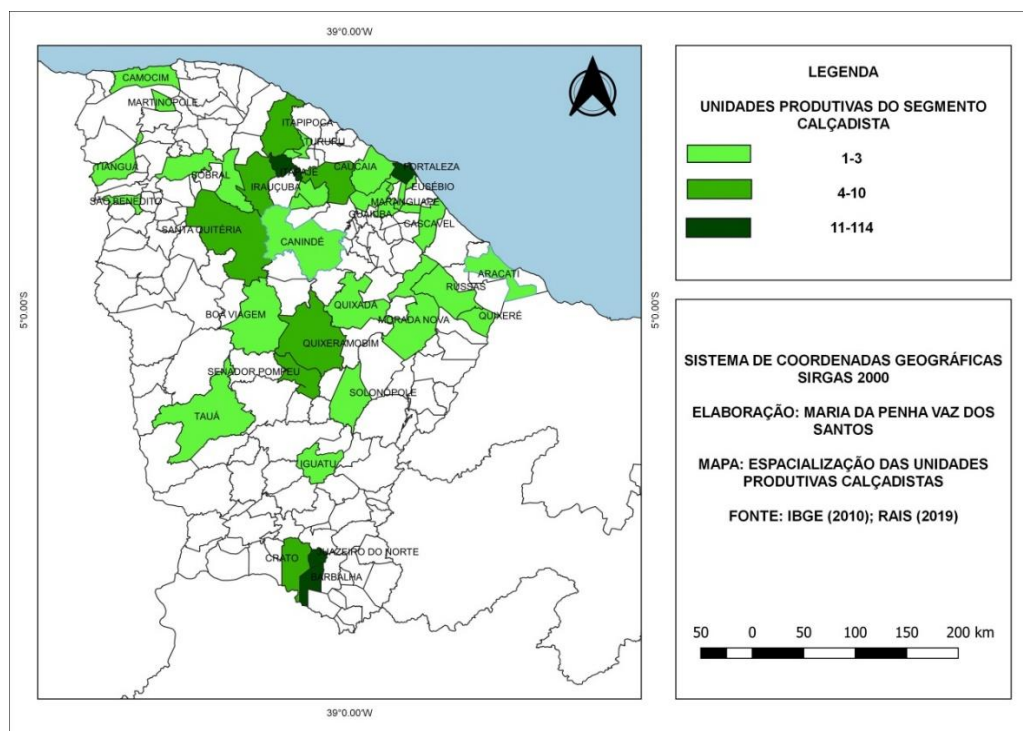
investimentos, os quais correspondem tanto a novos investimentos (nacionais ou estrangeiros), quanto à realocização de empresas dentro do mesmo território nacional (CARDOZO, 2011, p. 642).

Além da disponibilidade de incentivos fiscais, o governo também assegurou um conjunto de benefícios, que incluía a doação de terrenos, garantia hídrica e de energia na porta do estabelecimento. Em meio às possibilidades, também foram construídos estradas, aeroportos e portos para que houvesse ganho com o escoamento da produção (ALMEIDA, 2009).

No que concerne à produção nacional de calçados, o estado do Ceará é responsável por quase 27% do total e se classifica como o maior produtor de calçados do Brasil e segundo maior exportador, seguido pelo estado do Rio Grande do Sul, que concentra 22% da produção do segmento e ocupa a primeira posição no número de calçados exportados (ABICALÇADOS, 2019).

De acordo com dados de 2019 do Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS), no estado do Ceará o setor gerou 55.993 postos de empregos formais, registrados nas 275 empresas calçadistas instaladas nos 40 municípios do estado (Mapa 1), no qual se destaca uma maior concentração dessas unidades produtivas nos municípios de Juazeiro do Norte (114), Fortaleza (43), Barbalha (21) e Itapajé (13).

Mapa 1: Espacialização das unidades produtivas calçadistas no Ceará



Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Ao comparar as regiões Sul e Sudeste, Pereira Júnior (2011) classifica como centro da difusão do setor calçadista os estados de Rio Grande do Sul e São Paulo. Ao analisar a trajetória do setor no Ceará, o autor relaciona o crescimento do número de estabelecimentos e empregos (Tabela 1) à chegada das plantas industriais de grandes empresas, como Vulcabrás/Azaleia, Grendene, Dakota e Paquetá.

Tabela 1: Principais estados produtores de calçados (2019)

Estado	Produção (2019)	Total de empresas	Total de Empregados
Ceará	26,5%	275	55.993
Rio Grande do Sul	22,1%	2.375	87.204
Minas Gerais	17,5%	1.435	30.379
Paraíba	11,3%	83	14.976
São Paulo	6,0%	2.117	31.820

Fonte: Abicalçados (2019); RAIS (2019). Org. Autores.

A partir da instalação das fábricas dessas empresas, o Ceará transformou-se a fim de atender às exigências do capital e de organizar a própria dinâmica para que esses grupos permanecessem no estado. Quanto à localização de tais empreendimentos, é perceptível que muitas empresas se apropriaram do território com diferentes características econômicas e sociais. Muitas delas preferiram instalar suas plantas industriais em espaços mais dinâmicos, enquanto outras optaram por locais menos dinâmicos (PEREIRA JÚNIOR, 2011; LOAYZA, 2011).

Juntamente com a migração de empresas do setor de calçados, o estado também passou a receber pequenas e médias empresas que pretendiam ser terceirizadas, a fim de dar suporte produtivo às plantas industriais instaladas no estado cearense, seja por meio de materiais ou mesmo prestação de serviços em geral.

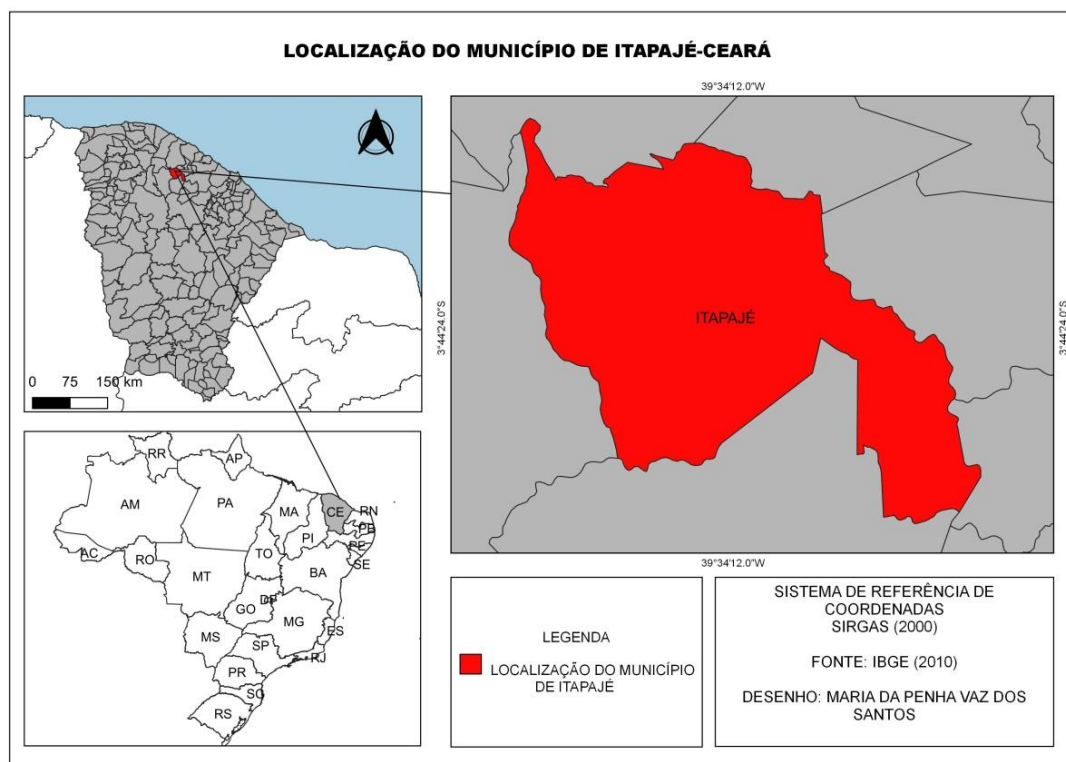
PRODUÇÃO CALÇADISTA E O USO DO TERRITÓRIO DE ITAPAJÉ

A produção de calçados pode ser caracterizada como uma atividade que requer altos investimentos tecnológicos e uma vasta disponibilidade de mão de obra para que ocorra a lucratividade e a acumulação de capital. Foram muitas as empresas que migraram para o Ceará nas últimas décadas, dentre elas a Paquetá, empresa gaúcha do ramo calçadista presente no cenário produtivo brasileiro desde os anos de 1940.

Recorte empírico da pesquisa, o município de Itapajé, em pouco mais de duas décadas, tornou-se palco dos interesses do capital e território da produção calçadista da empresa Paquetá, onde a partir de escolhas favoráveis à consolidação do capital, instalou a primeira fábrica de calçados do grupo no estado do Ceará. A escolha desse território não aconteceu por acaso, pelo contrário, envolveu um conjunto de fatores que incluíam o “atraso” socioeconômico do município.

Assim, a delimitação espacial de nossa pesquisa está localizada no semiárido cearense, especificamente na mesorregião norte do estado do Ceará e ao centro da capital Fortaleza e da cidade média de Sobral. De acordo com estimativas do IBGE, em 2018 a população do município de Itapajé estava em torno de 53.067 habitantes.

Figura 1: Mapa de localização do município de Itapajé-CE



Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Ao observar o histórico econômico do município, é possível identificar algumas modificações no campo socioeconômico, principalmente quanto aquelas que ocorrem após o ano de 1990, data essa que representa o início da interiorização da industrialização no estado do Ceará. A partir de uma parceria calcada em ideais políticos, Itapajé passou a ser inserido em projetos que visavam o desenvolvimento industrial do município e, ao mesmo tempo, oportunizou o seu crescimento econômico.

Até a instalação da fábrica de calçados Paquetá em Itapajé, foi visível o baixo número de pessoas com emprego formal, configurando-se como um espaço apropriado para os objetivos da empresa, que buscava extrair da força de trabalho sua consolidação produtiva. Loyaza (2011) salienta que até o ano 2000, o município registrava apenas 37 trabalhadores formais no ramo calçadista. “Em 2001 é possível ver um salto significativo no quantitativo de emprego formal, registrando-se 1.076 empregos naquele ano” (p. 111) e, em 2019, contabilizando um total de 2.037 empregos formais. A partir dessa afirmação, constatamos que o impacto causado pela Paquetá no município foi significativo para a geração de empregos na fábrica, assim como para as transformações sociais e econômicas que se projetaram no município a partir da instalação da unidade fabril.

A Paquetá Calçados foi inaugurada em 1945, no município de Sapiranga, no estado do Rio Grande do Sul, e inicialmente oferecia serviços de consertos e produção de calçados em pequenas quantidades. A consolidação do crescimento do grupo se deu principalmente entre os anos de 1960 a 2006, quando passou a produzir para o mercado nacional e internacional e ao instalar novas plantas industriais para além das fronteiras de Sapiranga e também do Brasil. Com o objetivo de incrementar a produção de calçados e a busca por menores custos no processo de produção, a empresa expandiu suas unidades fabris para o interior do Nordeste brasileiro, especificamente para cidades pequenas.

As unidades fabris, em um curto período de tempo, instalaram-se nos municípios de Itapajé (1997), Uruburetama (1999) e Pentecoste (2002), todos no Ceará, e no município baiano de Ipirá, em 2003. Não foi por acaso a busca por municípios nordestinos, pois naquele momento o setor calçadista passava por profundas mudanças e a Paquetá também precisou passar por essa metamorfose para assegurar a competitividade no mercado das exportações.

Além das plantas produtivas já fixadas em estados nordestinos, em 2006, a Paquetá inaugurou a primeira unidade produtiva fora das fronteiras brasileiras. A cidade

contemplada com o empreendimento foi Chivilcoy, distante 160 km de Buenos Aires, na Argentina.

Como exposto nesta seção, a busca por espaços para garantir produção de calçados se insere num contexto de dinâmicas socioeconômicas e produtivas em escala nacional e internacional, podendo ser observadas através dessa conjuntura as principais metamorfoses nas relações de trabalho, na precarização e nas transformações econômicas e espaciais.

MÚLTIPLAS FORMAS DE TRABALHO E A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NA INDÚSTRIA DE CALÇADOS

Com as recentes transformações ocasionadas pela integração mundial, caracterizada como globalização, o mundo tornou-se “menor”, devido ao aprimoramento das técnicas que permitiu uma maior facilidade no que diz respeito à informação e o deslocamento de capitais, pessoas e mercadorias. Também foram essenciais para o desenvolvimento do capitalismo enquanto sistema político/econômico que dita as regras em várias esferas da sociedade, principalmente as que se referem à economia e à acumulação capitalista.

“A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista” (SANTOS, 2000, p. 12). Internacionalização essa que resultou em uma integração não global, já que a globalização não ocorreu de maneira igual, assim como acentuou as disparidades entre países e locais. Sendo a globalização, portanto, resultado dos interesses de um mercado que necessita expandir suas fronteiras em busca de novos consumidores e que, em seguida, acarreta uma integração produtiva que ocorre a partir da relação direta entre lugares no processo produtivo dispostos a atender o mercado global.

Tendo como influência as dinâmicas da globalização, o setor industrial também passou a integrar lugares e a expandir sua produção para novos territórios a fim de usufruir dos benefícios da globalização e a seguir as regras impostas pelo mercado global, enquanto as empresas assumem as importações e exportações como vetor de geração de riquezas e acumulação capitalista.

A partir da reestruturação espacial iniciada ainda no século XX, as empresas deslocaram pelo espaço geográfico suas plantas produtivas e se apropriaram de novos espaços. No entanto, as dinâmicas produtivas passaram a ser mais flexíveis, no sentido de que as empresas, mesmo distantes geograficamente, realizariam constantemente troca de mercadorias e serviços.

Além do mais, a reestruturação espacial fez surgir, no cenário produtivo, uma nova formulação no que se refere à divisão territorial do trabalho, que se caracterizou pelo intenso deslocamento de informações e mercadorias. Sob essa ótica de entender as dinâmicas espaciais da produção, Santos (1988) ressalta que há a existência de uma organização de subespaços que estão interligados a partir de uma lógica global, e não mais local.

Santos (1988) define a organização da produção a partir do conceito de circuitos espaciais da produção, que em suas palavras seriam “as diversas etapas pelas quais passaria um produto, desde o começo do processo de produção até chegar ao consumo final” (SANTOS, 1988, p. 17). Dessa forma, os circuitos espaciais da produção envolvem as distintas etapas da produção de um determinado produto e o destino dessas mercadorias. Com o atual aperfeiçoamento das tecnologias, os lugares tornaram-se cada vez mais “próximos”, no sentido de se integrarem a diversas cidades, estados e até países em uma única esfera.

No que se refere à produção de calçados, essa divisão torna-se ainda mais necessária por envolver diversos agentes no processo de fabricação. Pereira Júnior (2017) enfatiza que “o processo produtivo industrial, antes restrito ao espaço fabril, assumiu nova dimensão: os produtos passaram a ser planejados num lugar, fabricados e montados em outros e consumidos globalmente” (PEREIRA JÚNIOR, 2017, p. 3).

São muitos os agentes envolvidos no processo de produção, que vão desde o planejamento até a distribuição do produto. A Paquetá destaca-se no cenário nacional e internacional principalmente por produzir calçados esportivos e femininos para marca própria e também para marcas como a Adidas, que é referência nos calçados esportivos.

É notável a complexidade que envolve o processo de fabricação de um calçado. É uma produção segmentada, que interliga diversos agentes em múltiplas escalas, por meio do uso de matéria-prima de vários lugares para a fabricação de um único par (SANTOS, 2018). Dessa forma, a produção do calçado tem início ainda no momento da pesquisa do novo produto a ser fabricado, como relata o operador de produção, que há quinze anos trabalha na fábrica em Itapajé:

No Sul é onde tudo começa. É lá que a equipe pesquisa as tendências da moda no Brasil e exterior; faz o cálculo de valores e material a ser utilizado e o tempo estimado para a confecção do modelo. Logo após todo esse processo, mandam para Itapajé o modelo e a quantidade a ser produzida (J. F., 35 anos).

Com o calçado idealizado, inicia-se a compra de insumos e materiais para a produção. Após a escolha da unidade de produção que se adequa aos procedimentos, são enviadas as matérias-primas, como o couro, PVC, cola, acessórios, linhas, pedrarias etc. Em média, esses produtos, após o pedido feito pela matriz, demoram cerca de uma semana para chegarem ao município, sendo deslocados por meio de transportadoras gaúchas que prestam serviços para a empresa.

Além do couro e materiais sintéticos, a Paquetá também recebe de outros estados os adesivos utilizados na colagem dos sapatos. Alguns são originários do Sul do país, como a empresa Kisafix, com sede na cidade de Novo Hamburgo/RS; Artecola Química, em Campo Bom/RS e a FCC, em Jacuípe/BA, fornecedoras de adesivos (cola) voltados para a fabricação dos sapatos. Sapiroanga também fornece acessórios que são essenciais no *design* do sapato, sendo a Altero a principal distribuidora das encomendas com destino à Paquetá, localizada em Itapajé.

A produção, que se finaliza no chão da fábrica, articula agentes da produção dentro e fora da unidade por meio de estratégias organizacionais coincidentes com as exigências do capital e da produção. Assim, se tem como resultado a flexibilização da produção e a troca de serviços que expandem os muros da fábrica e chegam a atingir outros municípios, estados e até mesmo países.

Em solo cearense, a Paquetá torna-se ainda mais dependente dos serviços de costura e montagem do sapato do que de materiais, no entanto, ainda assim, possui relações com algumas empresas de componentes que se encontram no estado e que realizam a distribuição de materiais para a unidade aqui pesquisada.

As empresas envolvidas na distribuição de materiais e que possuem filial no Ceará são caracterizadas como de pequeno e médio porte, muitas de origem gaúcha, que foram atraídas pelas empresas calçadistas para atuarem no estado. Elas são dinamizadas por meio da compra de materiais, como ocorre com a Paquetá, que necessita diretamente de alguns fornecedores mais próximos geograficamente que possam atender e contribuir com materiais, como embalagens e ornamentos para os calçados.

Desse modo, para a escala do Ceará, a Paquetá mobiliza algumas empresas especializadas na produção de componentes como cabedais, solas e metais para enfeites dos sapatos. Em seu processo produtivo, a Paquetá envolve trabalhadores formais e informais, no qual também se apropria e transforma em fábrica a residência dos trabalhadores informais que produzem componentes artesanais para calçados de luxo, que

têm como destino o mercado americano e europeu. Ao tratar do trabalho domiciliar sob a perspectiva de Arranjo Produtivo Local de Moda Bebê, Carvalho (2009) aponta que o capital se apropria da moradia com a finalidade de expansão. Desse modo, é possível observar, através do estudo realizado pela autora, que o uso do trabalho domiciliar também é uma estratégia utilizada por outros segmentos, como o de Vestuário, a exemplo da produção realizada em Terra Roxa, no estado do Paraná, que tem no trabalho domiciliar uma importante forma de racionalização dos custos produtivos, portanto, essa estratégia não se limita somente à indústria calçadista, mas trata-se de uma configuração da reprodução do capital.

Carvalho (2009) destaca ainda que o trabalho domiciliar tem como característica primordial a utilização dos espaços de morada dos agentes responsáveis pela produção externa da fábrica, pois é um local em que as empresas não fazem investimentos estruturais e não possuem gastos, como os que são necessários nas fábricas. Portanto, “A casa tida como o espaço fora do trabalho produtivo, agora, com a execução do trabalho domiciliar, pode ser, também, o lócus da reprodução ampliada do capital” (p. 57). Com isso, o trabalho domiciliar direciona a combinação produção e reprodução, enquanto o capital passa a interferir no cotidiano, no ambiente familiar e na territorialização da família, posto que os cômodos da casa, além de suas funcionalidades, passam a servir à produção.

Os resultados da precarização do trabalho no setor calçadista podem ser observados na maneira como a empresa se relaciona com os trabalhadores terceirizados, sendo esses submetidos a produzirem parte dos calçados em suas residências em troca de pequenas remunerações, a serem contabilizadas de acordo com a produção realizada diariamente.

A terceirização da produção de calçados não ocorre somente pelo relacionamento entre Paquetá/ateliês, mas também por meio da subcontratação informal, em que a empresa envolve em seu processo produtivo agentes externos que podem realizar as atividades artesanais da confecção do calçado em suas residências. Essa prática surgiu em decorrência das mudanças da própria necessidade de expansão da produção flexível, com base em características toyotistas que não limita mais a produção somente na fábrica e passa a se apropriar de espaços que oferecem condições e mão de obra abundante, como em áreas periféricas da cidade e na zona rural.

O Toyotismo⁵ se caracteriza como um modelo produtivo distinto, que consiste na consolidação de um sistema flexível em que “se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos produtos e padrões de consumo” (HARVEY, 2011, p. 140). A respeito das mudanças advindas do Toyotismo, Antunes (2006) enfatiza que “os novos processos de trabalho emergem, onde o cronômetro e a produção em série e de massa são substituídos pela flexibilização da produção, pela ‘especialização flexível’ e por novos padrões de busca de produtividade” (p. 24). Desse modo, com a formação de uma nova “morfologia”, o Toyotismo, assim como o Taylorismo/Fordismo, passou a modificar o mundo do trabalho e a incrementar com mais intensidade a precarização do trabalho e as disparidades sociais.

O trabalho domiciliar é uma importante atividade para o setor calçadista por “aproveitar-se” das carências econômicas da população para explorar a mão de obra com baixo custo e racionalização da produção. Para a confecção de uma sandália rasteirinha da Capodarte, por exemplo, há mais necessidade de uso do trabalho manual do que mesmo das máquinas. Porém, os trabalhadores que estão na fábrica não podem dedicar-se a essa atividade por exigirem tempo disponível e, por essa razão, a produção é transferida para as bancas domiciliares (por se tratar de uma atividade que necessita de maior dedicação).

Figura 1- Banca domiciliar



Autora: SANTOS, Maria da Penha Vaz dos Santos (2018).

⁵ Coriat (1994), Alves (2011), Harvey (2011) e Antunes (2006) desenvolvem importantes discussões acerca do Toyotismo.

A figura 1 mostra a produção em uma banca domiciliar onde diariamente as mulheres se reúnem para realizar as costuras dos ornamentos, bem como utilizam essa residência como ponto de entrega das peças já finalizadas e para recebimento de novas peças para serem costuradas. A produção acontece no alpendre da casa de uma das mulheres responsáveis pelo grupo. Nesse local reúnem-se mulheres da mesma família e mulheres que residem nas proximidades.

As figuras 2 e 3 mostram as chamadas enfiadeiras⁶ costurando os cabedais de calçados nas dependências da residência da responsável pela produção do grupo na zona rural de Itapajé. Em ambas as imagens, as mulheres estão costurando os detalhes do cabedal de sandálias da marca Capodarte. É possível perceber que se trata de um trabalho minucioso para que os ornamentos fiquem de acordo com o *design* exigido pela empresa.

Figuras 2 e 3 - Enfiadeiras costurando manualmente cabedais



Autora: SANTOS, Maria da Penha Vaz dos (2018).

Ao analisarmos a forma como ocorre a relação entre o trabalho domiciliar e a produção de calçados, são notáveis as fases de subcontratação existentes, quando no primeiro momento a Paquetá contrata os serviços dos ateliês para a confecção de cabedais, solas e palmilhas e esses individualmente compram o trabalho de terceiros para a atividade

⁶ Termo utilizado em muitos municípios cearenses para designar as mulheres que manualmente costuram os ornamentos dos calçados.

de costura de detalhes do cabedal. A figura 4 destaca os detalhes da costura de um dos cabedais feitos pelas mulheres, como parte da produção de calçados realizado fora do espaço da fábrica.

Ao observar o circuito produtivo, se percebe que a subcontratação passa por duas fases até chegar à casa das mulheres que realizaram manualmente a costura dos ornamentos das sandálias. A respeito do papel central das mulheres no trabalho domiciliar, Carvalho (2009) faz uma leitura, a partir da terceirização da produção de vestuário infantil, que o trabalho doméstico se caracteriza como uma atividade feminina, no qual se justifica pelo fato das mulheres serem as principais responsáveis pela produção domiciliar, como pode ser constatado na produção do segmento de vestuário e calçados.

Carvalho (2009) argumenta que a justificativa para essa “tendência feminina” para o trabalho domiciliar está relacionada à prerrogativa de que ao trabalharem, mesmo com baixa remuneração, as mulheres tendem a conciliar as funções a qual historicamente são designadas, como as tarefas domésticas, o cuidado com os filhos e trabalho remunerado dentro de suas próprias casas. O caso das enfiadeiras se assemelha ao que foi observado por Carvalho (2009) no segmento de vestuário em Terra Roxa, pois tanto a indústria de vestuário quanto a calçadista se apropriam da disponibilidade dessas mulheres para fazerem consolidar uma maior lucratividade sob o processo de produção através da disponibilidade que elas têm para esse tipo de trabalho.

Figura 4 - Cabedal costurado manualmente



Autora: SANTOS, Maria da Penha Vaz dos (2018).

Os grupos das costuras manuais podem ser encontrados em quase todos os bairros e alguns distritos do município de Itapajé. Ao observar as ruas da cidade, é comum encontrarmos mulheres costurando peças de sandálias em suas calçadas e varandas e, em sua volta, sacos plásticos com outras peças a serem costuradas de acordo com o ritmo em que o corpo permite. Em algumas dessas residências, diariamente algumas mulheres se reúnem para realizar a entrega e recebimento dos novos kits para costura. A figura 5 mostra a fachada de uma dessas casas onde se encontra uma banca domiciliar na zona rural de Itapajé, mais especificamente na localidade de Lagoinha.

Figura 5 - Banca domiciliar na zona rural de Itapajé/CE



Autora: SANTOS, Maria da Penha Vaz dos (2018).

O espaço que mais reúne mulheres diariamente, normalmente é a casa cedida pela responsável do grupo da comunidade, que tem como função fiscalizar o material e ensinar como produz as peças para as interessadas na atividade. Cada grupo, em média, conta com até 30 mulheres responsáveis pelo pesponto das sandálias, sem faixa de idade definida. São

jovens e idosas realizando esse tipo de atividade. Sobre as características desse tipo de trabalho domiciliar, uma das costureiras nos explica que:

A minha casa é um ponto de coleta de material, é aqui que o rapaz vem deixar e pegar o material diariamente e depois é que as mulheres pegam esse material e levam para a suas casas. O prazo dado por esse rapaz é de 24 horas e não podemos atrasar porque a fábrica já está esperando por essa costura (G. L., 25 anos).

Ainda durante a entrevista, constatamos que a contratação das mulheres ocorre por meio de um agente intermediário que se relaciona produtivamente com elas. Quanto ao pagamento, elas recebem por peça produzida e têm como representante a responsável pelo grupo, que mensalmente recebe do intermediário o pagamento de todas as trabalhadoras para depois ser efetuado o pagamento da produção de todos os envolvidos no grupo.

A empresa paga em média R\$ 0,80 por peça produzida, dependendo do modelo que, segundo a empresa, “são mais fáceis de fazer” e exigem menos tempo das artesãs. Diariamente, a responsável pelo grupo recebe do intermediário 80 pares de cabedais para serem feitas as costuras de ornamentos durante toda a semana. A exceção é na sexta-feira, pois devido ao final de semana, recebem 100 pares que devem ser entregues na segunda-feira.

Como afirmam as entrevistadas

Quando é sexta-feira todo mundo aqui recebe mais cabedais do que o de costume, porque na segunda-feira cedinho o rapaz vem pegar o material. Durante todo o final de semana na minha casa costuramos até na madrugada para que dê tempo entregarmos. Meu esposo e meu filho também me ajudam a fazer porque eu não daria conta sozinha (A. C., 20 anos).

Lá da minha casa eu e a minha irmã que fazemos a costura e controlamos a quantidade da produção de par individualmente para que no dia do pagamento não tenha nenhum tipo de confusão, e também não é permitido mais de um integrante da família que mora na mesma casa pegar material para costurar e por isso fazemos juntas (G. S., 18 anos).

Aqui é muito trabalho e pouco dinheiro senhora, passamos o mês costurando, furando os dedos com agulha e no final o dinheiro recebido não dá para fazer as compras do mês, só faço isso porque não tenho mais idade de conseguir um emprego e meu aposento ainda não foi aprovado (M. G., 55 anos).

O espaço em que é feita a entrega do material acontece no chão da casa das responsáveis. Tudo é conferido ali mesmo, longe de toda a dinâmica da fábrica e do

barulho do maquinário. A partir de então a fábrica passa a ser a casa de cada artesã e elas se transformam em funcionárias da Paquetá, mesmo não tendo nenhum tipo de direito trabalhista, e, exercendo a atividade em suas residências, juntamente com seus familiares.

É importante registrar que mesmo sendo um exercício precário, muitas pessoas diariamente querem participar dos grupos e chegam a ficar meses aguardando para serem recrutadas para tal atividade. Após serem convocadas para o grupo, é necessário passar algumas semanas treinando juntamente com a representante da banca para que possam se aperfeiçoar na costura.

Raramente chamamos para os grupos pessoas que não tem nenhum tipo de experiência com a costura. A principal exigência dos contratantes é de que a pessoa tem que já ter trabalhado na Paquetá ou em algum ateliê, porque fica mais fácil e rápido acompanhar o ritmo dos demais membros (G. L., 25 anos).

Há grupos que chegam a um total de até 30 pessoas nos últimos meses do ano. Devido à própria dinâmica do mercado consumidor, são esses os períodos em que há um aumento significativo no número de mulheres realizando o enfiado⁷. Também é nesse mesmo período que chegam as peças mais difíceis de costurar, que são as botas de cano médio e alto, que têm como destino os Estados Unidos e a Europa. A artesã destaca que:

No final do ano as botas chegam em grandes lotes e por ser trabalhosa de se costurar nos é pago R\$ 1,80 por cada par costurado. Essa época é a que mais trabalho porque é a oportunidade de se ganhar melhor e muitas costureiras chegam a sacrificar seus momentos de lazer para produzirem cada vez mais para no fim do mês terem bons resultados (V. G., 40 anos).

Assim como no espaço da fábrica, as trabalhadoras domiciliares também se dedicam integralmente à produção de calçados, mesmo sendo “invisíveis” para a empresa e cedendo suas residências para a produção, levando em consideração que as empresas transformam a casa desses indivíduos em fábrica e ditam os ritmos que cada um deve ter ao se comprometer com a produção de calçados. Muitas dessas mulheres não têm noção da

⁷ O enfiado se caracteriza como uma atividade de produção realizada por mulheres em bancas domiciliares, em que artesanalmente produzem a costura da ornamentação dos calçados, ou seja, essas mulheres são as responsáveis pelos detalhes de costura que fazem o diferencial do produto no mercado. Para Alencar (2014), o que justifica a atividade do enfiado na produção de calçados é a exigência de uma maior atenção, destreza e habilidade para a costura das peças dos calçados.

sua importância no processo produtivo, e tampouco sabem o valor pago por cada par de sapato por elas produzidos no mercado internacional.

Como palco das mudanças resultantes da reestruturação produtiva e dos objetivos do capital, o território itapajeense foi atrativo a essas dinâmicas, principalmente pela abundância de mão de obra, o que criou um circuito produtivo baseado na precarização do trabalho. Isso ocorre no chão da fábrica ou em suas residências, submetendo-se a trabalhar em ambientes inadequados e expostos aos perigos da atividade.

Como centro de todas as mudanças no espaço itapajeense, reafirmamos que a Paquetá inseriu no território as principais características da expansão e materialização da acumulação flexível por meio de suas relações produtivas e de trabalho em escala local, fazendo com que as pessoas se adaptassem ao acelerado ritmo da produção na fábrica e com a cronometragem, tanto na esteira quanto nos ateliês e domicílios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de calçados no Brasil se configura como uma importante atividade econômica, destacando-se como um setor com características particulares e intensivo em uso de mão de obra. Até a década de 1980, a atividade de produção de calçados brasileira se concentrava nos estados do Rio Grande do Sul e São Paulo, sendo estes os principais polos produtores. No entanto, pode ser observado que após esse período um intenso fluxo de empresas deslocaram-se principalmente para a região Nordeste, em busca de redução nos custos produtivos e atrativos fiscais. Coincidindo com as políticas cearenses do período, que tinha o objetivo de transformar o estado do Ceará no maior parque industrial do setor calçadista do Brasil, este encontrou nessas ações os anseios que buscava. A execução do projeto não chegou a ser consolidada, mas transformou o estado do Ceará em um dos maiores produtores de calçados do Brasil, podendo ser constatado através de dados recentes divulgados pela ABICALÇADOS, segundo os quais em 2019 o estado foi responsável por quase 27% da produção de calçados do país, ultrapassando, no quesito produção, até mesmo o tradicional produtor nacional de calçados, o Rio Grande do Sul.

Em meio à transferência de plantas produtivas para o Nordeste, o Ceará destacou-se entre os estados nordestinos no que se refere às ações que atraíram diversas empresas calçadistas para o seu território. Dentre essas empresas está a Paquetá Calçados, uma das maiores exportadoras de calçados do país. Instalada nos municípios de Uruburetama,

Pentecoste e Itapajé, a Paquetá inseriu nesses espaços novas formas produtivas e organizacionais, que modificaram completamente a paisagem e a vida dos agentes envolvidos em seu processo produtivo.

Em suma, a Paquetá não lucra somente com os benefícios fiscais, mas também com o trabalho vivo, por meio da exploração de seus trabalhadores e o baixo valor pago pela força de trabalho. O sistema produtivo da unidade Itapajé é similar às demais fábricas do setor, dispendo como particularidade a produção segmentada e a divisão de funções no processo produtivo, em que mescla bases produtivas fordistas e flexíveis. Na filial de Itapajé, as relações de produção ocorrem dentro e fora do espaço fabril, sendo internamente manipuladas pela cronometragem da produção e as divisões de funções na esteira, que em conjunto articulam e influenciam as relações externas.

A precarização do trabalho é umas das marcantes características observadas a partir da Paquetá, onde por meio de suas relações de trabalho estimula a prática de atividades terceirizadas e a inclusão de novas técnicas produtivas resultantes da acumulação flexível. O trabalho de costura manual, realizado por mulheres informalmente, é resultado das dinâmicas impostas pelo sistema pós-fordista.

A análise realizada em Itapajé, por meio da dinâmica produtiva da Paquetá, nos oportunizou compreender o papel desempenhado no espaço da fábrica e o processo de fabricação de calçados, que envolve múltiplos agentes (internos e externos). O trabalho domiciliar é uma das principais estratégias produtivas da Paquetá, sendo caracterizado como um processo de precarização do trabalho em que os agentes trabalham informalmente e sem qualquer tipo de direito trabalhista. O trabalho domiciliar, assim como o realizado na fábrica, possui características particulares e uma remuneração baseada no quantitativo produzido individualmente. Diferente do que ocorre na fábrica, o trabalho domiciliar não especifica as horas trabalhadas, porém cronometra o tempo em que as peças devem ser costuradas, sendo necessária a dedicação de várias horas de costura.

Diante desse contexto, ressaltamos que a Paquetá faz uso do território de Itapajé em suas dinâmicas produtivas e se beneficia principalmente da exploração da mão de obra, resultando assim em uma alarmante precarização do trabalho. A reestruturação territorial e produtiva em Itapajé pode ser observada na forma como a Paquetá firma seus laços produtivos e se relaciona com o trabalho vivo.

REFERÊNCIAS

ABICALÇADOS (Associação Brasileira das Indústrias de Calçados). Relatório Anual 2019. Disponível em: <http://abicalcados.com.br/publicacoes/relatorio-anual>. Acesso em: 29 dez. 2020.

ALENCAR, João Vitor Oliveira de. **A indústria e o urbano: o papel da Dakota nordeste S/A em Russas no Ceará**. 2014. 223 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2014) - Universidade Estadual do Ceará, , 2014. Disponível em: <<http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=82943>> Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

ALMEIDA, Diego Gadelha. **Indústria e reestruturação sócio-espacial: a inserção de Sobral na divisão espacial da produção calçadista**. 2009. 145f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

ALMEIDA, Humberto Marinho. Práticas espaciais, gestão seletiva, e o desenvolvimento territorial do Ceará. *In: Encontro Norte e Nordeste de Ciências Sociais Pré-Alas Brasil*, 15., 2012. Teresina. **Anais eletrônicos**. Teresina-PI: Ciso, 2012. Disponível em: <http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT20-34.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.

ARAÚJO, Nançy Gonçalves. A industrialização no Ceará: breves considerações. **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia: UFG, 2007, v. 27, p. 97-114.

ALVES. Giovanni. **Trabalho e Subjetividade: O espírito do Toyotismo na era do capitalismo manipulatório**. São Paulo: Boitempo, 2011.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas, SP, Cortez, 2006.

ANTUNES, Ricardo. **A dialética do trabalho: escrito de Marx e Engels**. São Paulo, Expressão Popular, 2004.

ARAÚJO, Nançy Gonçalves. A industrialização no Ceará: breves considerações. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia v. 27, p. 97-114, 2007.

BARBALHO. Os modernos e os tradicionais: cultura política no Ceará contemporâneo. **Estudos de Sociologia (São Paulo)**, v. 22, p. 27-42, 2007.

BERNAL, Maria Cleide Carlos. **A Metrópole Emergente: a ação do capital imobiliário na estruturação urbana de Fortaleza**. Fortaleza: UFC, 2004.

CARDOZO, Soraia Aparecida. Políticas Estaduais de Atração de Investimentos Baseados em Isenção fiscal: uma análise do estado do Ceará de 1995 a 2008. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 42, p. 641-660, 2011.

CARVALHAL, Terezinha Brumatti. **Dinâmica territorial do trabalho domiciliar das mulheres em Terra Roxa/PR**. 2009. 295 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade Ciências e Tecnologia, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/105041>. Acesso em: 2 jan. 2021.

CORIAT, Benjamin. **Pensar pelo avesso**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1994.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

LIMA, J. C.; BORSOI, I. C. F.; ARAUJO, I. M. Os novos territórios da produção e do trabalho: a indústria de calçados no Ceará. **Caderno CRH (UFBA. Impresso)**, v. 24, p. 367-384, 2011.

LOAYZA, Ana Cecília Vasconcelos. **Fatores determinantes do deslocamento de setores intensivos em mão de obra para o nordeste: o caso das grandes empresas calçadistas brasileiras a partir dos anos de 1990**. 2011. 170f. Dissertação (Mestrado em Economia)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, 2011.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson Alves. Configurações espaciais produtivas e sistema urbano regional no nordeste do Brasil. *In*: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 17., 2017. São Paulo, **Anais eletrônicos**. São Paulo: ENANPUR, 2017. Disponível em: http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sesso es_Tematicas/ST%201/ST%201.5/ST%201.5-01.pdf. Acesso em: 25 mar. 2018.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson Alves. **Território e economia política: uma abordagem a partir do novo processo de industrialização do Ceará**. 2011. 189f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, 2011.

SANTOS, Maria da Penha Vaz dos. **As Dinâmicas Territoriais e socioeconômicas da empresa calçadista Paquetá no município de Itapajé/Ceará**. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em 2018) – Universidade Estadual do Ceará, 2018. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=87741>. Acesso em: 5 jan. 2021.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS – RAIS. Base de dados estatísticos. Vários anos. Brasília: RAIS, 2019. Disponível em: < <https://bi.mte.gov.br/bgcaged/>>. Acesso em 3 jan. 2021.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado** - fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TELES, Glauciana Alves. Expansão geográfica do capital e seus efeitos sobre a mobilidade da força de trabalho: breves notas. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v. 22, n. 1, p. 169-182, 28 abr. 2020.

TELES. Glauciana Alves. **Mobilidade, trabalho e interações socioespaciais: o complexo industrial e portuário do Pecém no contexto da região metropolitana de Fortaleza.** 2015. 404 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

Submetido em setembro de 2020

Aceito em Dezembro de 2020